



Adaptação e desenvolvimento de um Inventário de Comportamentos Parentais

Adaptation and development of a Parenting Behaviours Inventory

Pedro Costa^{1,2*}, Henrique Pereira^{2,3}, & Isabel Leal^{1,2}

¹ ISPA – Instituto Universitário

² UIPES – Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde

³ Universidade da Beira Interior

Abstract

Aim: The purpose of the present study was to develop a Portuguese version of a Parenting Behaviour Inventory. This inventory aims to evaluate the frequency of different parenting practices and behaviours, classified into two dimensions of Positive Parenting and Oppressive Parenting. **Method:** Participants (253 mothers and 92 fathers) responded to an online questionnaire which consisted of this inventory, a scale of depression stress and anxiety, and a questionnaire of health and mental health related problems in the household. **Results:** Confirmatory factor analysis of the inventory revealed evidence of a solid model of nine behavioural dimensions, as well as of a second-order model consisting of a positive and an oppressive parenting dimension. Significant positive associations were found between the adoption of ineffective or oppressive childrearing behaviours with health and mental health problems; and negative associations between these problems and positive childrearing behaviours. It was also found that fathers tended to use more disciplinary and inconsistent disciplinary behaviours when they had children of both genders. **Conclusion:** Considering the lack of instruments to evaluate parenting practices in Portugal, this can be an important measure to assess the relationship between parenting behaviours and child behaviour problems.

Keywords: parenting behaviour; childrearing practices; child development.

Resumo

Objetivo: O objetivo do presente estudo foi desenvolver uma versão Portuguesa de um Inventário de Comportamentos Parentais. Este inventário pretende avaliar a frequência de diferentes práticas e comportamentos parentais, classificados em duas dimensões de Parentalidade Positiva e Parentalidade Opressiva. **Método:** Os participantes (253 mães e 92 pais) responderam um questionário online em que constava este inventário, uma escala de ansiedade depressão e stress, e um questionário sobre problemas de saúde e de saúde mental no agregado. **Resultados:** A análise fatorial confirmatória do inventário revelou evidência de um modelo sólido de nove dimensões de comportamentos, assim como de um modelo de segunda ordem consistindo nas dimensões positiva e opressiva de parentalidade. Foram encontradas associações positivas entre a adoção de comportamentos educativos opressivos ou ineficazes com problemas de saúde e de saúde mental, e negativas entre a existência de problemáticas e comportamentos parentais de reforço positivo e autonomia. Foi também observado que os pais, em comparação com as mães, tendem a usar mais disciplina e disciplina inconsistente quando têm filhos de ambos os sexos. **Conclusão:** Tendo em conta a falta de instrumentos de práticas parentais em Portugal, este pode ser um importante inventário para avaliar a relação entre os comportamentos parentais e os problemas de comportamento infantil.

Palavras-chave: comportamento parental; práticas educativas; desenvolvimento infantil.

Recebido em 2 de Novembro de 2011; aceite em 19 de Dezembro de 2011

* Autor de correspondência: ISPA – IU, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa; e-mail: pcosta@ispa.pt

Introdução

Décadas de investigação sobre práticas e comportamentos parentais têm evidenciado a influência dos comportamentos de educação parentais no desenvolvimento das crianças (Abidin, 1992; Belsky, 1984; Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983). De acordo com a tipologia de Baumrind (1966, 1967). Parentalidade pode ser dividida em três estilos parentais. Pais e mães classificados como autoritários valorizam a obediência e o controlo; pais e mães democráticos são normalmente assertivos e atentos às necessidades dos filhos; pais e mães permissivos são indulgentes e usam poucos comportamentos de controlo, sendo usualmente complacentes e manipulativos. Um estilo parental democrático é tido como o mais eficiente, estando normalmente associado a uma elevada autoestima, e a um bom desenvolvimento cognitivo e social das crianças (Baumrind, 1989, 1991; Steinberg, Lamborn, Dornbusch, & Darling, 1992).

Estes estilos parentais podem ser divididos em níveis elevados ou reduzidos de duas importantes dimensões: Suporte e Controlo. Comportamentos parentais com um nível elevado de suporte são caracterizados por disponibilidade emocional, responsividade e interações pais-filhos afetivas. Em contraste, comportamentos parentais com um nível elevado de controlo são caracterizados pelo uso frequente de práticas disciplinadoras e de pouco afeto positivo. Pais e mães com um estilo educativo democrático demonstram mais afeto e responsividade para com os seus filhos, estrutura e definição de limites, e ao mesmo tempo são capazes de promover a autonomia destes (Baumrind, 1991; Mandara & Murray, 2002); enquanto que pais e mães com estilos educativos autoritários falham em promover a autonomia dos seus filhos, ou a definição de limites e regras adequadas no caso de um estilo educativo permissivo (Baumrind, 1991; Steinberg, 2001). É importante esclarecer, contudo, que ‘estilos parentais’ é diferente de ‘práticas’ ou ‘comportamentos parentais’. Estilo parental pode ser descrito como o contexto geral em que práticas e comportamentos específicos têm lugar (Darling & Steinberg, 1993). Neste sentido, a avaliação dos comportamentos expressos é fundamental para o estudo da influência dos comportamentos parentais no desenvolvimento normativo e desajustado das crianças.

Práticas parentais autoritárias, caracterizadas por comportamentos de disciplina e de controlo estão associados a problemáticas comportamentais de crianças e adolescentes, nomeadamente comportamentos de externalização, comportamentos antissociais e delinquência (Gartstein & Sheeber, 2004; Patterson, 1982; Patterson, Reid, & Dishion, 1992),



assim como a comportamentos de internalização como a ansiedade e a depressão (Gruner, Muris, & Merckelbach, 1999; Muris, Schmidt, Lambrichs, & Meesters, 2001). Em contraste, práticas parentais de monitorização, estabelecimento de regras e limites e envolvimento afectivo estão relacionadas com um bom desenvolvimento infantil (Patterson et al., 1992).

Há, por outro lado, diversas influências sobre as práticas e comportamentos parentais, sendo a psicopatologia de pais e mães uma das mais preocupantes. A literatura tem revelado associações entre psicopatologia de pais e mães, comportamentos educativos elevados em castigos e controlo, e problemas comportamentais dos filhos (Johnson, Cohen, Kasen, Smailes, & Brook, 2001; Oyserman, Mowbray, Meares, & Firminger, 2000; Rueger, Katz, Risser, & Lovejoy, 2011; Vostanis et al., 2006). Estudos com mães deprimidas têm revelado que estas têm uma maior tendência para usar comportamentos educativos negativos, ineficazes e pouca disponibilidade emocional para com os seus filhos, que por sua vez revelam uma maior tendência para problemas de conduta e elevados níveis de agressividade (Burt et al., 2005; Gartstein & Sheeber, 2004; Lovejoy, Graczyk, O'Hare, & Neuman, 2000). O mesmo se verifica no caso dos pais, existindo uma forte associação entre a sintomatologia depressiva destes, conflitos na relação pai-filhos, e problemas comportamentais dos filhos (Compas, Phares, Banez, & Howell, 1991; Conger, Patterson, & Ge, 1995; Jacob & Johnson, 1997; Kane & Garber, 2004; Marchand & Hock, 1998).

Este estudo propõe-se a avaliar as práticas e comportamentos parentais divididos por níveis de controlo e de suporte através da adaptação Portuguesa de um Inventário de Comportamentos Parentais. A *Parental Childrearing Behavior Scale* é uma medida desenvolvida por Patterson e sua equipa que avalia os comportamentos parentais a partir de uma perspetiva sócio-interactiva (Patterson, Reid, & Dishion, 1992). A versão original da escala Americana constava de 58 itens distribuídos por cinco dimensões: monitorização, disciplina, reforço positivo, resolução de problemas e envolvimento parental, e foi construída com o objetivo de avaliar as práticas educativas parentais ineficazes e inconsistentes e a sua relação com o comportamento de crianças com problemas de agressividade. Contudo, adaptações recentes desta escala não têm reproduzido as mesmas propriedades psicométricas. A adaptação deste instrumento para pais e mães Holandeses, a *Ghent Parental Behavior Scale*, resultou em 45 itens distribuídos por nove dimensões: autonomia, disciplina, parentalidade positiva, castigos severos, monitorização, regras, ignorar, recompensas materiais, e disciplina inconsistente (van Leeuwen & Vermulst, 2004). A versão Francesa do mesmo, a *Parental Childrearing Behavior Scale*, confirmou a estrutura fatorial de nove

dimensões, mas foi reduzida para 35 itens na versão para pais/mães e para 30 itens na versão para crianças (Meunier & Roskam, 2007).

Em Portugal, apesar de um crescente interesse sobre a influência dos comportamentos parentais no desenvolvimento infantil, a larga maioria da investigação tem sido clínica e/ou qualitativa (Francisco et al., 2007; Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009; Pires, 2001; Santos, 1994), surgindo a necessidade de desenvolver um instrumento quantitativo, de fácil utilização, que avalie as práticas e comportamentos parentais. Assim, o objectivo do presente estudo foi o de adaptar este inventário de autopreenchimento para pais e mães Portugueses.

Método

Participantes

Os participantes foram recrutados através de contactos com escolas e associações de pais. Um total de 345 pais e mães completaram o questionário – 253 (73%) mães e 92 (27%) pais. A idade dos participantes variou entre 25 e 64 anos de idade (média de 40) e cerca de metade encontrava-se na faixa etária dos 40 anos. Perto de 50% dos participantes declararam ter uma licenciatura completa, 25% o ensino secundário, e uma pequena minoria estava desempregada (9%). 40% dos participantes declararam um rendimento bruto anual na classe ente €17000 e €39000. O número de filhos variou entre 1 e 5 (entre 0 e 3 rapazes e 0 e 4 raparigas), com uma média e moda de 2 filhos por agregado, e em 39% das famílias um só filho. A idade dos filhos variou entre 1 e 25 anos de idade, embora os participantes tenham reportado os seus comportamentos apenas em relação aos seus filhos com idades entre os 6 e os 18 anos.

Material

O instrumento utilizado neste estudo incluiu um extenso questionário demográfico e de saúde, um instrumento de medida de saúde mental e um instrumento de medida de comportamentos parentais. Para avaliar os comportamentos parentais foi utilizado o *Ghent Parental Behavior Scale* (van Leeuwen & Vermulst, 2004), e para avaliar a saúde mental dos pais foi utilizada a adaptação Portuguesa da *Depression Anxiety and Stress Scale* de Lovibond



e Lovibond (1995), desenvolvida por Pais-Ribeiro, Honrado e Leal (EADS-21; 2004a, 2004b).

A EADS-21 consiste em 21 afirmações medidas numa escala de Likert de 4 pontos (de 0 = não se aplicou nada a mim a 3 = aplicou-se a mim a maior parte do tempo) que remetem para diferentes sintomas negativos. Foi pedido aos participantes que respondessem respetivamente ao último mês.

O *Ghent Parent Behavior Scale* foi traduzido do Inglês para Português através do procedimento de dupla tradução (Inglês-Português; Português-Inglês) e foram adotados procedimentos semelhantes aos dos autores do inventário; os itens em língua Portuguesa foram mantidos na sua forma afirmativa, apresentados de forma *quasi-random* e medidos numa escala Likert de 4 pontos (de 1 = (quase) nunca a 4 = (quase) sempre). Nos dois estudos de adaptação do instrumento, os diferentes fatores observados obtiveram índices de fiabilidade individual de *Cronbach* entre 0,52 (Monitorização e Castigos Físicos) e 0,88 (Reforço Positivo e Regras). Quanto aos índices de ajustamento dos modelos fatoriais, os índices *RMSEA* foram de 0,048 para as mães e de 0,043 para os pais do primeiro estudo de validação, e de 0,051 para as mães e de 0,055 para os pais do segundo estudo de validação; os índices *CFI* foram de 0,92 e de 0,96 no primeiro estudo e de 0,92 e de 0,93 no segundo estudo, para mães e pais respetivamente (van Leeuwen & Vermulst, 2004).

Procedimentos

Os pais e mães foram contactados por *e-mail* através de pedido de divulgação do estudo junto de Associações de Pais, Associações de Famílias, Escolas, e Associações Escolares de Pais. No e-mail foi descrito o objetivo do estudo, e os pais e mães foram encaminhados para um questionário disponível *online*. Para este estudo os questionários foram recolhidos inteiramente *online*. A confidencialidade e anonimato dos pais e mães participantes foram garantidos e assegurados durante todo o processo de recolha.

Análise estatística

Os dados recolhidos foram introduzidos no SPSS v18 e foram eliminados os participantes que tinham filhos mais velhos ou mais novos que os parâmetros solicitados (entre 6 e 18 anos de idade). Em seguida, os dados foram analisados com recurso ao SPSS v18, assim como no AMOS v18 para avaliação dos modelos fatoriais.

Resultados

Análise das propriedades psicométricas

Foi realizada uma análise fatorial confirmatória através do programa AMOS v18 para investigar se a solução de nove fatores proposta por van Leeuwen e Vermulst (2004) seria replicada com a versão Portuguesa do Inventário de Comportamentos Parentais. A análise fatorial confirmatória foi estimada através do método de máxima verosimilhança e os itens foram distribuídos pelos respetivos fatores e deixados pesar livremente. A estatística do *Qui-Quadrado* foi significativa ($X^2(852) = 1275,599$; $p < 0,001$), embora tenha sido já demonstrado que o uso deste teste pode não ser o mais adequado especialmente com amostras grandes (Hayduk, 1996). Outros índices de ajustamento revelaram um bom ajustamento do modelo aos dados ($CFI = 0,941$; $GFI = 0,862$; $RMSEA = 0,038$) e todos os itens pesaram significativamente no respetivo facto com valores entre 0,40 e 0,90 (Tabela 1).

Tabela 1

Inventário de Comportamentos Parentais

Nº item	Item	Fator 1ª Ordem	Fator 2ª Ordem
1	Eu arranjo tempo para ouvir o meu filho/a	Reforço Positivo	Parentalidade
2	Quando o meu filho/a parece ter um problema, eu converso com ele/a sobre o que está errado		
3	À noite eu converso com o meu filho/a sobre o passado e o dia seguinte		
4	Quando o meu filho/a tem um problema, nós olhamos juntos para diferentes soluções		
5	Eu pergunto ao meu filho/a sobre os seus hobbies e interesses		
6	Eu faço excursões com o meu filho/a		
7	Eu elogio o meu filho/a quando ele/a me ajuda espontaneamente (por exemplo a pôr a mesa)		
8	Quando o meu filho/a e eu temos um desentendimento, nós conversamos sobre isso e procuramos uma solução em conjunto		
9	Eu faço actividades com o meu filho/a porque eu sei que o meu filho/a gosta que o faça (por exemplo um jogo, fazer compras)		
10	Eu elogio o meu filho/a, abraço-o, ou dou-lhe uma palmadinha nas costas como recompensa por bom comportamento		
11	Quando eu vejo o meu filho/a depois de um dia de escola, eu torno possível passar algum tempo com ele/a		
12	Eu mantenho-me ao corrente dos amigos com os quais o meu filho/a sai	Monitorização	
13	Eu mantenho-me ao corrente dos vizinhos que o meu filho/a visita		
14	Quando o meu filho/a saiu para algum lado sozinho, eu pergunto-lhe se ele/a realmente foi a esse sítio		
15	Eu pergunto ao meu filho/a como ele/a gasta a sua semanada/mesada		
16	Eu ensino o meu filho/a a ser educado na escola		



17	Eu ensino o meu filho/a a obedecer a regras	Regras	Positiva			
18	Eu ensino o meu filho/a a adaptar-se aos hábitos da nossa família					
19	Eu ensino o meu filho/a a adaptar-se às regras da escola ou do emprego					
20	Eu ensino o meu filho/a a cuidar das suas coisas com respeito					
21	Eu ensino o meu filho/a a respeitar as autoridades					
22	Eu ensino o meu filho/a que é importante comportar-se educadamente	Autonomia				
43	Eu ensino o meu filho/a a resolver os seus próprios problemas					
44	Eu ensino o meu filho/a a tomar as suas próprias decisões					
45	Eu ensino o meu filho/a que ele/a é responsável pelo seu próprio comportamento	Disciplina				
23	Quando o meu filho/a não obedece a uma regra (por exemplo, chega tarde a casa sem uma razão válida, não completou uma tarefa) eu castigo-o/a					
24	Eu castigo o meu filho/a quando ele/a me aborrece (por exemplo, resmunga, contradiz-me, mente, discute)					
25	Quando o meu filho/a fez alguma coisa de errado, eu castigo-o/a tirando-lhe alguma coisa boa (por exemplo, não pode ver TV, não pode sair à rua, tem de estar em casa cedo, tem de ir para a cama cedo)					
26	Quando o meu filho/a não se comporta, eu dou-lhe um tarefa como castigo					
27	Quando o meu filho/a faz alguma coisa que eu não quero que ele faça, eu castigo-o					
28	Acontece que eu não castigo o meu filho/a depois de ele/a fazer alguma coisa que não é permitido	Disciplina		Parentalidade		
29	Quando o meu filho/a não obedece a uma regra, eu ameaço-o/a com um castigo, mas no final eu não o levo em frente					
30	Quando eu castiguei o meu filho/a, acontece que eu o deixo sair do castigo mais cedo	Inconsistente			Opressiva	
31	Antes de eu castigar, eu digo ao meu filho/a muitas vezes que eu castigaria o seu comportamento					
32	Eu dou uma estalada ao meu filho/a quando ele/a fez alguma coisa de errado	Castigos Físicos	Opressiva			
33	Eu bato ao meu filho/a quando ele/a é desobediente ou malcriado					
34	Eu bato ao meu filho/a quando discutimos					
35	Eu bato ao meu filho/a quando ele/a não obedece às regras					
36	Quando o meu filho/a faz alguma coisa que não é permitido, eu faço-lhe um ar zangado e finjo que ele/a não está lá	Ignorar				Opressiva
37	Quando o meu filho/a faz alguma coisa que não é permitido, eu só falo com ele/a outra vez quando ele/a se comporta melhor					
38	Quando o meu filho/a faz alguma coisa que não é permitido, eu faço-lhe um ar mau e ignoro-o/a em seguida					
39	Quando o meu filho/a faz alguma coisa que não é permitido, eu não falo com ele/a até que me peça desculpa					
40	Eu dou dinheiro ou pequenos presentes ao meu filho/a quando ele/a faz alguma coisa que me deixe contente	Recompensas		Opressiva		
41	Quando o meu filho/a fez o seu melhor, eu permito alguma coisa extra (por exemplo, ficar acordado até tarde)					
42	Eu deixo o meu filho/a comprar alguma coisa quando ele/a fez alguma coisa bem					
		Materiais				

Em seguida foi realizada uma análise fatorial confirmatória de segunda ordem, consistindo em dois fatores de segunda ordem “Parentalidade Positiva” e “Parentalidade Opressiva”. A estatística do *Qui-Quadrado* foi novamente significativa ($X^2(922) = 1477,446$; $p < 0,001$), mas outros índices de ajustamento revelaram um bom ajustamento do modelo ($CF = 0,924$; $GFI = 0,843$; $RMSEA = 0,042$). Como esperado, os fatores de primeira ordem Reforço Positivo, Monitorização, Regras e Autonomia pesaram significativamente no fator de segunda ordem Parentalidade Positiva; e os fatores de primeira ordem Ignorar, Castigos Físicos, Disciplina, Disciplina Inconsistente e Recompensas Materiais pesaram significativamente no fator de segunda ordem Parentalidade Opressiva. Os pesos fatoriais estandardizados variaram entre 0,45 e 0,76 para o fator Parentalidade Positiva e entre 0,40 e 0,61 para o fator Parentalidade Opressiva (Tabela 2).

A fiabilidade compósita dos fatores foi elevada em quase todos os casos, e foi demonstrada a validade convergente. A sensibilidade dos itens do inventário foi também demonstrada através da análise dos valores de curtose e de assimetria; todos os itens revelaram valores inferiores a 3 de assimetria e inferiores a 7 de curtose (ver Kline, 2010).

De forma a avaliar qual destes modelos apresenta um melhor ajustamento aos dados, foi usado o índice *MECVI*. Para o modelo de nove fatores, o índice *MECVI* foi de 4,921 e para o modelo de segunda ordem o *MECVI* foi de 5,053. Apesar de o modelo de primeira ordem apresentar um melhor ajustamento, a diferença é pequena pelo que se pode concluir que ambos os modelos revelam um bom ajustamento. Tendo em conta o objetivo deste estudo ser a adaptação do Inventário de Comportamentos Parentais, optamos aqui por apresentar apenas os resultados do modelo de primeira ordem, tendo em conta que possibilita extrair mais informação e mais detalhada.



Tabela 2

Fiabilidade compósita, variância extraída da média e média dos itens do Inventário de Comportamentos Parentais

	Parentalidade Positiva				Parentalidade Opressiva				
	Reforço positivo	Monitorização	Regras	Autonomia	Ignorar	Castigos físicos	Disciplina inconsistente	Disciplina	Recompensas materiais
Fiabilidade compósita (<i>FC</i>)	,89	,79	,94	,83	,79	,83	,65	,84	,73
Variância extraída da Média (<i>VEM</i>)	,42	,51	,68	,63	,5	,62	,34	,52	,47
Média (<i>dp</i>)	2,33 (,50)	1,20 (,82)	2,70 (,49)	2,37 (,59)	,57 (,64)	,23 (,38)	1,20 (,57)	1,44 (,71)	1,06 (,63)
Variação <i>scores</i> (<i>máximo - mínimo</i>)	,73 – 3,00	,00 – 3,00	,86 – 3,00	,00 – 3,00	,00 – 3,00	,00 – 3,00	,00 – 3,00	,00 – 3,00	,00 – 3,00

Validade

A validade de critério foi investigada através da relação entre os comportamentos parentais e as questões de saúde, de saúde mental, e a EADS-21. As questões relacionadas com a saúde física incluídas no questionário foram sobre a existência de doenças crónicas e/ou prolongadas no agregado, tratamento farmacológico no seguimento destas doenças, problemas de saúde mental e medicação psiquiátrica, e também se houve uma perda significativa nos seis meses anteriores ao preenchimento do questionário. Os diferentes tipos de doença e medicação foram codificados mas devido às diferenças entre grupos e baixa prevalência das diferentes condições não foi possível conduzir qualquer análise subsequente para averiguar efeitos individuais.

Observou-se que 18% dos pais reportaram algum tipo de doença e que 27% tomavam medicação de forma continuada, enquanto que as mães reportaram algum problema de saúde em 25% dos casos e cerca de 26% tomavam medicação. Foi encontrada uma elevada prevalência de problemas de saúde mental; mais de 20% das mães e 10% dos pais reportaram ser acompanhados em psicoterapia e uma prevalência ainda mais elevada em outra pessoa do agregado (35%). Mais de 8% dos pais, 19% das mães e 20% dos outros membros do agregado tomavam medicamentos psiquiátricos, nomeadamente antidepressivos, de forma regular. As associações entre estas variáveis em conjunto com os resultados da EADS-21 e os resultados do Inventário de Comportamentos Parentais foram investigadas através dos índices de correlação de Pearson (Tabela 3).

As correlações encontradas entre as variáveis individuais e os comportamentos parentais parecem sugerir a influência dos níveis de saúde e de saúde mental do agregado familiar na adoção dos comportamentos de educação parentais. Os resultados revelaram que, no geral, níveis mais elevados de sintomas depressivos, de ansiedade e de stress estavam positivamente correlacionados com diferentes comportamentos parentais opressivos, e negativamente correlacionados com comportamentos parentais positivos. Esta tendência foi observada em particular no uso de comportamentos de disciplina e de ignorar de pais e mães (valores de r entre ,144 e ,273), e no uso de disciplina inconsistente de pais (valores de r entre ,220 e ,302). Como corolário, o uso de comportamentos parentais positivos como reforço positivo, autonomia e regras revelou-se negativamente associado com problemas de saúde e de saúde mental.



Tabela 3 – Correlações de Pearson entre as nove dimensões de comportamentos parentais e problemas de saúde e de saúde mental no agregado.

	Reforço positivo			Monitorização			Regras			Autonomia			Ignorar			Castigos físicos			Disciplina inconsistente			Disciplina			Recompensas materiais		
	Mães	Pais	Amostra total	Mães	Pais	Amostra total	Mães	Pais	Amostra total	Mães	Pais	Amostra total	Mães	Pais	Amostra total	Mães	Pais	Amostra total	Mães	Pais	Amostra total	Mães	Pais	Amostr a total	Mães	Pais	Amostra total
Doença	.020	-.104	-.007	.009	-.142	-.011	-.021	-.156	-.048	-.019	-.108	-.036	.198**	-.061	.138	-.068	-.136	-.085	-.037	-.059	-.035	-.032	-.091	-.037	-.059	.064	-.035
Medicamentos	-.023	-.262*	-.097	-.020	-.021	-.022	-.016	-.299**	-.111	-.011	-.180	-.063	.109	.024	.086	-.137	-.163	-.144	-.109	-.119	-.112*	-.050	-.169	-.084	-.075	-.028	-.062
Psicoterapia Anti-depressivo	-.011	-.077	-.016	.007	-.012	.037	.014	-.351**	-.064	-.012	-.116	-.027	.165*	-.078	.116*	.063	-.063	.032	.055	.076	.068	.021	-.107	.007	.128*	-.252	.038
Doença agregado.	.029	-.089	.013	.035	-.044	.050	.075	-.116	.045	-.022	-.136	-.035	.108	-.131	.064	.110	-.052	.071	.068	-.031	.059	-.071	-.047	-.047	.065	-.151	.012
Psicoterapia agregado.	.058	-.281**	-.029	-.021	-.192	-.046	-.036	-.065	-.032	-.066	-.101	-.069	.095	.047	.086	-.024	-.025	-.022	-.006	-.031	-.055	.030	-.025	.026	-.081	.148	-.031
Anti-depressivos agregado	-.062	-.064	-.054	.034	.049	-.057	.040	-.190	-.015	-.045	-.077	-.046	.076	.093	.083	-.004	.026	.006	-.015	.110	.020	.063	-.063	.042	.098	-.153	.034
Luto	-.040	-.089	-.058	-.063	-.006	-.051	-.097	.075	-.040	-.096	-.108	-.102	.000	.119	.033	.037	.043	.039	-.021	.037	-.008	-.028	.096	.004	.032	.024	.032
Ansiedade	.095	-.048	-.055	.037	-.038	.022	-.020	-.012	-.013	-.089	-.095	.088	.026	.106	.048	-.057	-.049	-.053	.102	.172	.121*	-.103	.107	-.044	.079	.189	.104
Depressão	-.071	-.108	-.077	.006	-.103	-.011	.021	-.077	-.004	-.080	-.132	-.092	.191**	.220*	.201**	.118	-.119	.040	.088	.220*	.129*	.086	.292**	.154**	.113	.104	.106*
Stress	.225**	-.198	-.216**	-.076	-.147	-.099	-.133*	.210*	.137*	-.047	-.201	-.155**	.144*	.273**	.182**	.116	-.133	.029	.051	.302**	.120*	-.014	.142	.141**	.092	-.002	.064
	-.139*	-.170	-.128*	.041	-.218*	.003	-.047	.205*	.043	-.098	-.179	-.078	.167**	.277**	.203**	.218**	-.119	.108*	.077	.283**	.146**	.088	.200	.118*	.148*	.043	.106*

* $\alpha < .01$ ** $\alpha < .05$

Propriedades discriminativas

Para investigar as propriedades discriminativas do Inventário de Comportamentos Parentais foi conduzida uma análise de variância multivariada. Na *MANOVA* $2 \times 3 \times 9$, as variáveis independentes consideradas foram o gênero parental (mãe / pai) e o gênero dos filhos (só raparigas / só rapazes / ambos), e as nove dimensões de comportamentos parentais como variáveis dependentes. Foram encontrados efeitos simples significativos do gênero dos filhos ($MRR = 0,074$; $F(9,332) = 2,718$, $p = 0,005$; $\eta^2_p = 0,069$) e do gênero dos parental ($MRR = 0,101$, $F(9,331) = 3,719$, $p < 0,001$; $\eta^2_p = 0,092$), assim como um efeito de interação significativo destas duas variáveis ($MRR = 0,078$; $F(9,332) = 2,863$, $p = 0,003$; $\eta^2_p = 0,072$). Foram então conduzidas duas *ANOVA* univariadas para o gênero parental para averiguar em que variáveis se encontravam os efeitos de interação. Foram encontrados efeitos significativos no uso de Disciplina ($F(2,91) = 3,452$, $p = 0,036$), Disciplina Inconsistente ($F(2,91) = 3,365$, $p = 0,039$) e Castigos Físicos ($F(2,91) = 6,691$, $p = 0,002$), por parte dos pais. Verificou-se então que o comportamento dos pais, em comparação com o das mães, foi significativamente influenciado pelo sexo dos filhos, sendo que tendem a usar mais comportamentos de disciplina e de disciplina inconsistente os pais que têm filhos de ambos os sexos comparando com aqueles que têm apenas rapazes, e mais punição física os pais que têm filhos de ambos os sexos comparando com aqueles que têm apenas rapazes ou que têm apenas raparigas.

Discussão

O Inventário de Comportamentos Parentais revelou ser um instrumento válido para avaliar os comportamentos parentais de pais e mães Portugueses. Todos os itens do inventário foram mantidos e foi replicada a mesma estrutura fatorial com índices de fiabilidade interna aceitáveis a bons. Os fatores com menor fiabilidade foram aqueles com menor número de itens, à semelhança de estudos anteriores, ressaltando a importância de um melhoramento do inventário pela introdução de novos itens nestes fatores (Meunier & Roskam, 2007; Patterson, Reid, & Dishion, 1992; van Leeuwen & Vermulst, 2004). Estes resultados estão de acordo com a literatura que sustenta que as práticas e comportamentos parentais podem ser divididos em níveis de suporte e níveis de controlo ou coerção, de acordo com a tipologia de Baumrind (1966; 1967).



De uma forma geral, os pais e mães Portugueses parecem usar comportamentos de reforço positivo, estabelecimento de regras e limites e reforço da autonomia dos seus filhos com maior frequência do que aplicam castigos físicos ou ignoram os pedidos dos filhos. Contudo, foram encontradas evidências da associação entre problemáticas dos pais e mães, nomeadamente ao nível da saúde mental, e os seus comportamentos de educação parental. Ansiedade, depressão e stress mostraram-se positivamente associados a comportamentos parentais ineficazes ou coercivos, em particular comportamentos de ignorar ou estratégias disciplinadoras. Tantos os pais como as mães evidenciaram maior inconsistência e menor investimento emocional quando apresentavam sintomatologia depressiva, resultados estes em linha com o que tem sido reportado na literatura sobre os comportamentos de pais e mães deprimidos (Burt et al., 2005; Compass et al., 1991; Conger et al., 1995; Gartstein & Sheeber, 2004; Jacob & Johnson, 1997; Lovejoy et al., 2000; Marchand & Hock, 1998). Como corolário, comportamentos parentais adequados e positivos encontraram-se negativamente associados com stress, ansiedade e depressão, em particular o reforço positivo e o reforço da autonomia dos filhos. Não obstante, a imposição de regras e limites revelou uma associação positiva com a sintomatologia depressiva tanto dos pais como das mães, sugerindo que pais e mães mais deprimidos usam estratégias de maior imposição de limites aos seus filhos que neste caso poderão fazer parte de uma prática mais disciplinadora. No que diz respeito à associação entre comportamentos parentais e problemáticas de saúde no agregado, apenas se encontrou uma associação significativa entre o comportamento de ignorar e a existência de doença da mãe. No caso dos pais, o tratamento farmacológico encontrou-se negativamente associado a comportamentos de reforço positivo e de imposição de limites, e positivamente a comportamentos de disciplina inconsistente.

Foram também encontradas associações entre o acompanhamento psicoterapêutico das mães e uma menor imposição de regras e maior frequência de comportamentos de ignorar e de recompensar materialmente os filhos. No caso de pais e mães a tomar medicamentos psiquiátricos não foi encontrada qualquer associação entre a medicação e os seus comportamentos parentais, sugerindo que este tipo de tratamento poderá mitigar os efeitos negativos de sintomatologia depressiva.

O Inventário de Comportamentos Parentais mostrou o potencial de discriminar entre comportamentos parentais de mães e pais, e também entre comportamentos parentais com rapazes e raparigas. Foi revelado que os pais, em comparação com as mães, tendem a usar mais comportamentos opressivos, em particular práticas de disciplina e castigos físicos. Os comportamentos de castigos severos e/ou físicos por parte das figuras parentais estão, com

frequência, associados a diversas problemáticas comportamentais infantis, a médio e a longo prazo, nomeadamente a agressividade (Gershoff, 2002; Patterson, 1982; Rothbaum & Weisz, 1994). Esta diferença é também função do sexo dos filhos, sendo que os pais usam estas práticas com maior frequência quando têm filhos de ambos os sexos.

O facto de não terem sido encontradas diferenças entre os comportamentos de pais e mães de raparigas e os pais e mães de rapazes parece surpreendente. As práticas parentais diferem em grande parte em função do temperamento e níveis de actividade dos filhos, em particular em países Europeus onde estas diferenças são mais significativas (Keller & Zach, 2002; Lytton & Romney, 1991; Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004). Por um lado, os rapazes são geralmente mais ativos e agressivos do que as raparigas, enquanto que estas são geralmente mais autónomas e demonstram uma maior latitude nos seus comportamentos. Por outro lado, os pais e mães reforçam estas diferenças ao adoptar diferentes práticas em função do sexo dos filhos (Eagly, Beall, & Sternberg, 2004; Lytton & Romney, 1991; Maccoby & Jacklin, 1980).

Neste estudo, a variabilidade individual das crianças não foi avaliada, podendo ser uma explicação para não terem sido detetadas diferenças entre os comportamentos educativos de raparigas e de rapazes. Não obstante, as diferenças encontradas sugerem um efeito de contaminação na prática parental, ou seja, os pais confrontados com educar um rapaz e uma rapariga, reconciliam os comportamentos de género adotando uma prática parental de maior disciplina e imposição de limites. Este efeito de contaminação sugerido, assim como outras possíveis explicações para as diferenças na prática parental, deve ser futuramente investigado através da justificação parental da adoção de comportamentos de educação.

Outra importante limitação deste estudo é o processo de amostragem utilizado. Como descrito, a amostra foi auto-seletiva sendo por isso possível que os pais e mães que demonstram comportamentos mais adequados se tenham voluntariado para participar neste estudo. Mais, ao adotar uma metodologia online, esta amostra de pais e mães poderá ter sido enviesada em favor de pais e mães com mais educação formal e mais confortáveis social e economicamente do que a maioria da população.



Conclusão

As propriedades psicométricas encontradas na versão Portuguesa do Inventário de Comportamentos Parentais foram muito semelhantes às de versões anteriores, em particular à versão Holandesa que serviu de base para o presente estudo. Foi demonstrado ser sensível a questões de saúde e de saúde mental dos pais e mães, o que tem relevante importância para o uso clínico. Contudo, apesar de psicometricamente estável, sugere-se futura investigação e melhoramento, em particular no que respeita a alguns dos fatores com menor fiabilidade. O facto de o Inventário de Comportamentos Parentais revelar modelos de ajustamento semelhantes de primeira e de segunda ordem é claramente uma vantagem; ao combinar as dimensões positivas e negativas dos comportamentos parentais, permite a contínua investigação da influência das práticas educativas parentais nos comportamentos das crianças. Por outro lado, ao considerar as nove dimensões separadamente, torna também possível avaliar quais as dimensões que exercem maior influência no desenvolvimento infantil adaptativo ou problemático, e que possam estar associadas a características parentais individuais.

Referências

- Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21, 407-412. doi:10.1207/s15374424jccp2104_12
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907. doi:10.2307/1126611
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1989). Rearing competent children. In W. Damon (Ed.), *Child Development today and tomorrow*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In Jo. Brooks-Gunn, R. Lerner & A. C. Petersen (Eds.), *The encyclopedia of adolescence*. New York: Garland.
- Belsky, J. (1984). The determinants of Parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96. doi:10.2307/1129836

- Burt, K. B., van Dulmen, M. H. M., Carlivati, J., Egeland, B., Sroufe, L. A., Forman, D., ... Carlson, E. A. (2005). Mediating links between maternal depression and offspring psychopathology: The importance of independent data. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 490-499. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00367.x
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M., & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting. *American Psychologist*, 55, 218-232. doi:10.1037/0003-066X.55.2.218
- Compas, B. E., Phares, V., Banez, G. A., & Howell, D. C. (1991). Correlates of internalizing and externalizing behavior problems: Perceived competence, causal attributions, and parental symptoms. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 19, 197-218. doi:10.1007/BF00909978
- Conger, R. D., Patterson, G. R., & Ge, X. (1995). It takes two to replicate: A mediational model for the impact of parents' stress on adolescent development. *Child Development*, 66, 80-97. doi:10.2307/1131192
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496. doi:10.1037/0033-2909.113.3.487
- Eagly, A. H., Beall, A. E., & Sternberg, R. J. (2004). The psychology of gender. New York: Guilford Press.
- Francisco, V. L., Pires, A., Pingo, S., Henriques, R., Esteves, M. A., & Valada, M. J. (2007). A depressão materna e o seu impacto no comportamento parental. *Análise Psicológica*, XXV, 229-239.
- Gartstein, M. A., & Sheeber, L. (2004). Child behavior problems and maternal symptoms of depression: A mediational model. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 17, 141-150. doi:10.1111/j.1744-6171.2004.tb00011.x
- Gershoff, E. T. (2002). Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences: A meta-analytic and theoretical review. *Psychological Bulletin*, 128, 539-579. doi:10.1037/0033-2909.128.4.539
- Grüner, K., Muris, P., & Merckelbach, H. (1999). The relationship between anxious rearing behaviours and anxiety disorders symptomatology in normal children. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 30, 27-35. doi:10.1016/S0005-7916(99)00004-X
- Hayduk, L. A. (1996). *LISREL: Issues, debates, and strategies*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.



- Jacob, T., & Johnson, S. L. (1997). Parent-child interaction among depressed fathers and mothers: Impact on child functioning. *Journal of Family Psychology*, *11*, 391-409. doi:10.1037/0893-3200.11.4.391
- Johnson, J. G., Cohen, P., Kasen, D., Smailes, E., & Brook, J. (2001). Association of maladaptive parental behavior with psychiatric disorder among parents and their offspring. *Archives of General Psychiatry*, *58*, 453-460. doi:10.1001/archpsyc.58.5.453
- Kane, P., & Garber, J. (2004). The relations among depression in fathers, children's psychopathology, and father-child conflict: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, *24*, 339-360. doi:10.1016/j.cpr.2004.03.004
- Keller, H., & Zach, U. (2002). Gender and birth order as determinants of parental behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, *26*, 177-184. doi:10.1080/01650250042000663
- Kline, R. B. (2010). *Principles and practice of structure equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Lovejoy, M. C., Graczyk, P. A., O'Hare, E., & Neuman, G. (2000). Maternal depression and parenting behavior: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, *20*, 561-592. doi:10.1016/S0272-7358(98)00100-7
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the depression anxiety stress scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, *33*, 335-343. doi:10.1016/0005-7967(94)00075-U
- Lytton, H., & Romney, D. M. (1991). Parents' differential socialization of boys and girls: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, *109*, 267-296. doi:10.1037/0033-2909.109.2.267
- Maccoby, E. E., & Jacklin, C. N. (1980). Sex differences in aggression: A rejoinder and a reprise. *Child Development*, *51*, 964-980. doi:10.2307/1129535
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Eds.). *Handbook of Child Psychology, vol. 4, Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Mandara, J., & Murray, C. B. (2002). Development of an empirical typology of African American family functioning. *Journal of Family Psychology*, *16*, 318-337. doi:10.1037/0893-3200.16.3.318

- Marchand, J. F., & Hock, E. (1998). The relation of problem behaviors in preschool children to depressive symptoms in mothers and fathers. *Journal of Genetic Psychology, 159*, 353-366. doi:10.1080/00221329809596157
- Meunier, J.-C., & Roskam, I. (2007). Psychometric properties of a Parental Childrearing Behavior Scale for French-speaking parents, children, and adolescents. *European Journal of Psychological Assessment, 23*, 113-124. doi:10.1027/1015-5759.23.2.113
- Muris, P., Schmidt, H., Lambrichs, R., & Meesters, C. (2001). Protective and vulnerability factors of depression in normal adolescent. *Behavior Research and Therapy, 39*, 555-565. doi:10.1016/S0005-7967(00)00026-7
- Oyserman, D., Mowbray, C. T., Meares, P. A., & Firminger, K. B. (2000). Parenting among mothers with a serious mental illness. *American Journal of Orthopsychiatry, 70*, 296-315. doi:10.1037/h0087733
- Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004a). Contribuição para o estudo da adaptação Portuguesa das escalas de Depressão Ansiedade Stress de Lovibond e Lovibond. *Psychologica, 36*, 235-246.
- Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004b). Contribuição para o estudo das escalas de ansiedade depressão e stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, Saúde & Doenças, 5*, 229-239.
- Patterson, G. R. (1982). *Coercive family process. A social interactional approach, vol. 4*. Eugene: Castalia Publishing Company.
- Patterson, G. R., Reid, J., & Dishion, T. (1992). *Antisocial boys: A social interactional approach*. Eugene: Castalia.
- Pereira, A. I. F., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies, 18*, 454-464. doi:10.1007/s10826-008-9249-3
- Pires, A. (2001). Crianças (e pais) em risco. Lisboa: ISPA.
- Rothbaum, F., & Weisz, J. R. (1994). Parental caregiving and child externalizing behavior in nonclinical samples: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 116*, 55-74. doi:10.1037/0033-2909.116.1.55
- Rueger, S. Y., Katz, R. L., Risser, H. J., & Lovejoy, M. C. (2011). Relations between parental affect and parenting behaviors. *Parenting, 11*, 1-33. doi:10.1080/15295192.2011.539503
- Santos, S. V. (1994). Características do stress em pais de crianças com doenças crónicas e em pais de crianças com problemática emocional. *Análise Psicológica, 12*, 301-313.



- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 1-19. doi:10.1111/1532-7795.00001
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M. & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266-1281.
- van Leeuwen, K. G., & Vermulst, A. A. (2004). Some psychometric properties of the Ghent Parental Behavior Scale. *European Journal of Psychological Assessment*, 20, 283-298. doi:10.1027/1015-5759.20.4.283
- Vostanis, P., Graves, A., Meltzer, H., Goodman, R., Jenkins, R., & Brugha, T. (2006). Relationship between parental psychopathology, parenting strategies and child mental health. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 41, 509-514. doi:10.1007/s00127-006-0061-3
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 323-331. doi:10.1590/S0102-79722004000300005